

CONVERSA COM O PROF. ARLÉO BARBOSA¹



Equipe **Kàwé**

Ruy: Prof. Arléo, por que o seu interesse pelo estudo dos quilombos e do Engenho de Santana?

Arléo: Eu sempre me interessei pela cultura negra de maneira muito especial. Foi o negro africano quem, na realidade, construiu a economia do nosso país, desde o período da plantação açucareira,

¹ Arléo Barbosa, Mestre em Educação, Professor de História da UESC. A conversa, aqui transcrita, transcorreu no Kàwé, em torno do tema *Engenho de Santana*, um dos objetos de pesquisa do referido professor.

passando pelo da mineração, até o período de desenvolvimento dos cafezais. Daí, se origina a forte vinculação da nossa estrutura econômica com o trabalho dos africanos. Neste contexto, o quilombo representa um tipo de reação do africano contra o estado de escravidão a que foi submetido. Durante toda história da humanidade, sempre foram registradas reações à escravidão, sempre houve levante de escravos, desde a antiguidade oriental, quando havia poucos escravos trabalhando ao lado da servidão coletiva.

Na Roma antiga, como na Grécia, também houve levantes de escravos. Daquele período, podemos destacar o levante de Espártacos, conhecido escravo que conseguiu movimentar milhares de escravos romanos contra as elites patrícias. No Brasil, os levantes escravos foram organizados principalmente em quilombos.

O quilombo foi a reação natural, quase que instintiva, do escravo, que fugia e procurava se agrupar em determinados locais de difícil acesso, para se libertar da escravidão. Daí, o meu interesse pelo estudo dos quilombos no Brasil, principalmente na região de Ilhéus.

Consuelo: Qual a situação atual

dos estudos sobre quilombos na nossa região?

Arléo: Podemos registrar alguns estudos sobre o Engenho de Santana, principalmente dos levantes que lá aconteceram. Nessa direção, percebe-se um aumento de trabalhos de final de curso (monografias) sobre o assunto, e alguns projetos de mestrado. Entretanto, quanto às outras pesquisas sobre outros quilombos não temos conhecimento. Temos notícia, através de citações de cronistas em revistas antigas, encontradas no Instituto Geográfico Histórico da Bahia, que houve diversos quilombos aqui, na região. Assim, precisávamos, o mais rápido possível, selecionar esses quilombos, identificá-los e localizar geograficamente esses agrupamentos, para empreender estudos inéditos de grande relevância histórica.

Raimunda: Não há sequer mapeamento desses quilombos?

Arléo: Não, que eu saiba. Somente citações. Acredito que caberia à Universidade de Santa Cruz, principalmente ao *Grupo Kawê*, fazer esse levantamento, esse mapeamento, em função da existência de diversos quilombos nessa região, dado o registro de farta

mão-de-obra escrava. Por outro lado, é comum entre os autores, principalmente aqueles contratados na época dos coronéis para fazerem a história de Ilhéus, o desejo de encobrir a existência de escravidão na cacauicultura. Entretanto, a existência de escravidão na região foi um fato e vigorou no período da plantação açucareira, como também no início da cacauicultura. Assim, só deixou de existir escravo aqui, com a abolição da escravatura, momento em que começou a faltar mão-de-obra escrava e se registrou a utilização de força de trabalho dos imigrantes de outros Estados do Brasil, principalmente de Sergipe.

Consuelo: Possivelmente haja alguns remanescentes ainda...

Arléo: Exatamente. Possivelmente, ainda podem existir, por aí, restos ou remanescentes de quilombos. Daí os estudos que precisam ser empreendidos, nesse sentido.

Ruy: Nos meus tempos de criança, eu ouvia os meus mais velhos dizerem que o Couto tinha esse nome, porque significava lugar onde se abrigavam pessoas marginalizadas ou “gente fugida” de engenhos de escravos.

Arléo: Isso é possível mesmo. Ali,

naquela região, é exatamente naquele local onde foram registradas fugas de escravos do Engenho de Santana, dada a proximidade. Hoje, passa uma estrada por ali, a comunicação é muito grande, mas essa comunicação, naquela região, era quase que impossível em épocas distantes. Aquilo ali era mato fechado, era região de Mata Atlântica. A comunicação com o Engenho de Santana era feita através de navegação, até o açúcar saía do Engenho por navegação. Saía do Engenho de Santana, através de embarcações que levavam para Salvador. O embarque acontecia num porto fluvial, descendo pelo rio, até o mar e por navegação marítima, até Salvador. Assim, a comunicação por terra quase era inexistente.

Raimunda: O que representou o Engenho de Santana e qual a sua importância para a História brasileira e dessa região em particular? O que se poderia falar do Engenho de Santana, em termos sócio-econômicos e históricos?

Arléo: Engenho de Santana é um dos primeiros do Brasil. Surgiu como resultado de uma Sesmaria doada pelo donatário de Ilhéus, Jorge Figueiredo Corrêa, à Mem

de Sá. Este, por sua vez, antes de ser o terceiro Governador Geral do Brasil, era sesmeiro e era o dono do Engenho de Santana. Foi Mem de Sá quem iniciou as obras do Engenho de Santana. Mais tarde, quando ele chegou aqui, como governador, doou o Engenho de Santana aos Jesuítas, que se encarregaram do desenvolvimento dos canaviais. Existem

documentos comprovando que o donatário também doou uma parte daquelas terras, ao seu lugar-tenente, Francisco Romero. Ele veio para Ilhéus, como imediato, representante do donatário que nunca sequer visitou a capitania.

O Sr. Francisco Romero também ganhou um pedaço de terra ali e isso gerou, mais tarde, uma confusão muito grande. Romero, depois que terminou o trabalho, findo seu tempo na capitania de Ilhéus, voltou para Portugal e lá foi preso em função do seu comportamento violento. Na prisão, buscou defender os seus direitos sobre o Engenho de Santana. Existem documentos que comprovam tudo isso.



O açúcar, no Brasil, teve dois momentos importantes nos séculos XVI e XVII e depois chegou a ter um momento de destaque, também, no século XIX. Com a reação do açúcar brasileiro, o Engenho de Santana, no século XVIII e a seguir no século XIX, chegou a ter uma produção anual de 10.000 arrobas de açúcar. Tal fato, o caracterizava como um engenho de grande porte, visto que possuiu mais de 300 escravos. É interessante registrar que esses escravos, constantemente, se levantavam contra a escravidão. Um dos levantes importantes ocorreu no final do século XVIII, quando, após o assassinato do mestre de açoite, tomaram o engenho por dois

anos. O proprietário morava em Salvador. O interessante é que esse tipo de reação negra não é contada pela História, em nenhuma outra parte do Brasil. Que eu saiba, isso aconteceu apenas em Ilhéus. E outro aspecto, ainda mais interessante, é o fato de que os escravos tomaram o engenho e depois distribuíram uma nota por escrito. Nessa nota, eles faziam exigências dignas de qualquer operário conscientizado de alguma organização sindical. Naquele documento, exigiam eleição para feitor. Isso para mim é uma coisa fantástica, porque na segunda metade do século XVIII, houve a independência dos Estados Unidos (1766) e a Revolução Francesa (1789). Foram os movimentos que mais falaram em voto e em eleições. Foram movimentos baseados nas idéias liberais daquela época e as idéias eram relacionadas com a Revolução Democrática Burguesa. Como é que os negros escravos do Engenho de Santana, isolados como eles viviam, tomaram conhecimento sobre eleições? Como é que eles tiveram essa idéia de eleição, de voto, de votar para eleger o feitor? Eles também exigiram horário para descanso, o domingo e os feriados para descansar. Exigiram terras para uma pro-

dução própria, onde eles iriam plantar. É um documento fantástico!

Raimunda: O senhor tem esse documento?

Arléo: Tenho. Eu o consegui no Arquivo Público da Bahia. E ele também é publicado em parte nos estudos de João Reis. Também cheguei a publicar parte desse documento no meu livro *Notícias Históricas de Ilhéus*. É uma coisa simplesmente fantástica. Para mim, não existe similar no Brasil.

No período do Engenho de Santana, temos notícias da existência de um quilombo. Sabe-se, ainda, que, para destruir esse quilombo, deu muito trabalho, já que somente no século XIX, ele foi destruído. Encontraram, na região do quilombo, máquina de fiar, com a qual eles fabricavam roupas; plantações de mandioca, próximas à região do Rio de Engenho.

Retomando a questão da carta-aberta, escrita pelos escravos, destacamos, como interessante na produção desse documento, o fato de que alguém entre eles deveria saber ler e escrever. Em pleno século XIX, isso era difícil, até mesmo entre as elites baianas da época, visto que o analfabetismo era muito grande. A explicação desse fato pode es-

tar vinculada às viagens de transporte do açúcar para Salvador, momento em que os escravos do Engenho de Santana acabavam por manter contatos com outros negros da Bahia. Eu tenho impressão, é uma hipótese, que os negros do Engenho de Santana mantiveram contato com os negros malês de Salvador e, com eles, aprenderam a escrita, pois os malês sabiam ler e escrever. Eles eram islamizados e, por força da necessidade de ter acesso aos escritos do Alcorão, acabavam por aprender a ler. Essa é a única maneira que eu vejo para explicar o aparecimento de alguém que tivesse condições de escrever. Apesar da incorreção da escrita, se fizeram entender e produziram um documento *sui generis* na história do Brasil.

Ruy: Minha avó, Hermosa do Carmo, mãe da minha mãe, recebeu de presente uma sesmaria, doada por seu compadre, Eusébio Benedites. Ele era líder político da Região, naquela época, e dono de grandes extensões de terra, algumas das quais ficavam perto do Engenho de Santana. Entretanto, ela não se incomodou em assumir a sesmaria recebida, motivo pelo qual toda a área foi, aos poucos sendo integrada por outros sesmeiros. A minha ancestral,

Mejigan, que foi escrava do Engenho de Santana, contou muitos fatos sobre o que acontecia no Engenho. Contava que, no tempo dela, havia gente malê no Engenho, além de escravos que, na África, faziam parte de uma alta elite do povo de Ijexá. Apesar de haver uma grande diferença cultural entre eles, a possibilidade de convivência se deu por uma questão de sobrevivência. A minha ancestral era Mejigan, uma sacerdotisa de Oxum, conseqüentemente, uma das mulheres mais respeitadas na terra dela. No Engenho de Santana, minha avó se juntou com um negro, já nascido no Brasil e que era de ascendência Malê.

A minha tia Jovanina, que nasceu em 1899, conheceu Mejigan já bem velha. Contava Tia Jovanina que Mejigan era uma mulher dos peitos tão grandes que, quando ela se sentava, os peitos arriavam no colo. E ainda: quando ela era nova, aleitava os filhos, jogando o peito para traz, por cima do ombro, e continuava trabalhando no tear. Para o povo dela, a beleza da mulher estava em ter seios muito fartos. Por isso ela era considerada uma das mulheres mais bonitas. Mejigan morreu com 115 anos.

Malu: O senhor tem algum dado, alguma informação, sobre a religiosidade desses escravos? Existe algum registro sobre isso?

Arléo: Não, não.

Raimunda: Por que aí teríamos que analisar não a religiosidade em si, mas a própria vida, o cotidiano deles. Eu acho que essa questão da religiosidade está muito implicada com cotidiano...

Arléo: Lá existe uma das igrejas mais antigas do Brasil, atualmente, tombada pelo Patrimônio Histórico. Dizem que foi a primeira Igreja Rural do Brasil. É uma capela consagrada ao culto de Nossa Senhora Santana. Fica ao lado de uma queda de água, uma cascata muito bonita, que agora desapareceu com a construção que eles fizeram para suprir de água o Pontal. Desapareceu a beleza da cascata que havia, mas a igreja situava-se num local privilegiado. Havia ruínas do antigo Engenho, dos quintais da casa-grande. Infelizmente, de dez anos para cá, algumas pessoas começaram a usar as pedras das ruínas para construção de casas, e as ruínas desapareceram.

Raimunda: O que é interessante saber e mostrar, é a presença da Igreja aqui, porque os

Jesuítas ocuparam um espaço agrícola. Essa região não era monocultora, era diversificada, com a utilização da mão-de-obra escrava muito farta, inclusive indígena, pois a escravidão indígena foi muito forte também...

Arléo: E a hora de estudar é essa, pois quanto mais o tempo vai passando, maior a dificuldade de recuperar os documentos...

Ruy: Vamos pensar propostas para isso, então.

